

# A museologia no mundo contemporâneo

## Marcio Ferreira Rangel

Doutor em História da Ciência pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Rio de Janeiro, RJ – Brasil.  
Pesquisador e professor do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). Rio de Janeiro, RJ – Brasil.  
E-mail: marciorangel@mast.br

Recebido em: 15/08/2014. Aprovado em: 14/11/2015. Publicado em: 08/10/2015.

### Resumo

Neste artigo, discuto as relações existentes entre a museologia e o museu. Ao propor uma análise da museologia como uma ciência, reconheço no museu o seu objeto de pesquisa. Esta discussão que se inicia na década de 1970 e toma fôlego nos anos 1980 e 1990 ocasionou desdobramentos que nos influenciam até os dias atuais. O abandono do museu como objeto de estudo da museologia, por alguns teóricos, desestruturou as fronteiras que nos permitiam atuar dentro de um universo previamente delimitado. O museu no século XXI se apresenta como uma instituição paradigmática das atividades culturais. São espaços altamente complexos que devem ser compreendidos em todas as suas nuances. Apontar o museu como o centro de nossas ações e os princípios e procedimentos derivados desta percepção não é minimizar ou restringir a museologia, pelo contrário, é uma forma de recolocá-la conceitualmente na interface com outras áreas do conhecimento. Com esta compreensão procuro ressaltar a importância de identificar os contornos da ação museológica e deslocar a discussão para o universo dos museus no mundo contemporâneo.

**Palavras-chave:** Museu. Museologia. Ciência.

## *Museology in the contemporary world*

### Abstract

*In this article I discuss the relationship between museology and the museum. By understanding museology as a science, I recognize the museum as the object of its research. This discussion begins in the 1970s and breathes in the 1980s and 1990s resulting in developments that influence us until today. The abandonment of the museum as an object of study of museology, by some theorists, has disrupted the boundaries that allow us to act in a universe previously defined. The museums in the twenty-first century are presented as paradigmatic institutions of cultural activities. They are highly complex spaces that must be understood in all their nuances. Point out the museum as the center of our actions, the principles and procedures derived from that perception, is not to minimize or restrict the museology, on the contrary, it is a way to put it back conceptually in the interface with other areas of knowledge. With this understanding, I intend to restore the borders of the museological action and move the discussion to the universe of museums in the contemporary world.*

**Keywords:** Museum. Museology. Science.

## *Museología en el mundo contemporáneo*

### Resumen

En este artículo analizo la relación entre la museología y el museo. Mediante la comprensión de la museología como ciencia, reconozco el museo como objeto de su investigación. Esta discusión se inicia en la década de 1970 y crece en los años 1980 y 1990 como resultado de los acontecimientos que nos influyen hasta hoy. El abandono del museo como un objeto de estudio de la museología, por algunos teóricos, ha perturbado los límites que nos permiten actuar en un universo definido previamente. Los museos en el siglo XXI se presentan como instituciones paradigmáticas de actividades culturales. Son espacios muy complejos que deben ser entendidos en todos sus matices. Señale el museo como centro de nuestras acciones, los principios y los procedimientos derivados de esa percepción, no es para minimizar o limitar la museología, por el contrario, es una forma de poner de nuevo conceptualmente en la interfaz con otras áreas del conocimiento. Con este entendimiento, tengo la intención de restablecer las fronteras de la acción museológica y mover la discusión con el universo de los museos en el mundo contemporáneo.

**Palabras clave:** Museo. Museología. Ciencia.

## INTRODUÇÃO

De acordo com Brian Greene (2001, p. 16), “a ciência progride em ziguezagues pelo caminho que esperamos leve à verdade final, caminho que começou com as primeiras tentativas de entender o cosmo e cujo fim é imprevisível”. A ciência é um empreendimento humano, e como atividade social reflete pontos de vista sociais, históricos e culturais. Segundo Paul Feyerabend (apud GRANGER, 1994, p. 42), “a ciência está no mesmo plano que os mitos, as religiões e as ideologias, enquanto meios de conhecer a realidade”. A ciência é uma das mais importantes expressões do homem dos séculos XX e XXI, poderoso vetor de conhecimentos, mas sempre passível de erros e acertos. Segundo Gilles-Gaston Granger (1994, p. 114), “diante da ciência, não devemos ostentar nem um ceticismo desconfiado, nem uma fé cega, e sim uma admiração profunda e uma confiança razoável”.

Para Chauí (1995, p. 329), a primeira classificação sistemática das ciências foi a de Aristóteles, que tinha por base três critérios: critério da ausência ou presença humana nos seres investigados; critério da imutabilidade ou permanência e da imutabilidade ou movimento dos seres investigados; e o critério da modalidade prática. De acordo com Chauí (1995, p. 330), a partir do século XVII, a filosofia tende a desaparecer nas classificações científicas assim como delas desaparecem as técnicas. Das inúmeras classificações propostas, as mais conhecidas e utilizadas foram feitas por filósofos franceses e alemães do século XIX, baseando-se em três critérios: tipo de objeto estudado, tipo de método empregado, tipo de resultado obtido. Segundo Marilena Chauí (1995, p. 260), desses critérios e da simplificação feita sobre várias classificações anteriores resultou aquela que se costuma usar ainda hoje:

- **Ciências matemáticas ou lógico-matemáticas:** aritmética, geometria, álgebra, trigonometria, lógica, física pura, astronomia pura, etc;
- **Ciências naturais:** química, biologia, geologia, geografia física, paleontologia etc;
- **Ciências humanas ou sociais:** psicologia, sociologia, antropologia, geografia humana, economia, linguística, história, arqueologia etc;

- **Ciências Aplicadas<sup>1</sup>:** todas as ciências que conduzem à invenção de tecnologias para intervir na natureza, na vida humana e nas sociedades, tais como, engenharia, medicina, arquitetura, informática etc;

Para Granger (1994, p. 59) “as matemáticas foram, ao longo da história, os primeiros conhecimentos a atingir o estatuto de ciência, no sentido em que o entendemos”, nasce de necessidades práticas: contar coisas e medir terrenos. Para Chauí (1995, p. 331), “a universalidade e a necessidade dos objetos e instrumentos teóricos matemáticos deram à ciência matemática um valor de conhecimento excepcional, fazendo com que se tornasse o modelo principal de todos os conhecimentos científicos, no Ocidente”.

De acordo com Chauí (1995, p. 334),

as ciências naturais estudam os fatos observáveis que podem ser submetidos aos procedimentos de experimentação; estabelecem leis que exprimem relações necessárias e universais entre os fatos investigados. Concebem a natureza como um conjunto articulado de seres e acontecimentos interdependentes, ligados ou por relações necessárias de causa e efeito, subordinação e dependência, ou por relações entre função invariáveis e ações invariáveis, buscam constâncias, regularidades, frequência dos fenômenos, isto é, seus modos de funcionamento e de relacionamento, bem como estabelecem os meios teóricos para a previsão de novos fatos. As ciências naturais possuem seu próprio sistema de métodos científicos. Através da observação, da experimentação e de critérios de validação, as ciências da natureza se desenvolveram.

Sobre esta nova forma de ver o mundo natural, Foucault (2000, p. 148) afirma que, do “primeiro olhar minucioso” sobre as coisas, de suas “descrições neutras e fiéis”, os estudiosos começaram a depurar a realidade, a separar a observação da fábula, e

---

<sup>1</sup> Ao consultarmos a base do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), encontramos a seguinte classificação de áreas: Ciências Exatas e da Terra; Ciências Biológicas; Engenharias; Ciências da Saúde; Ciências Agrárias; **Ciências Sociais Aplicadas**; Ciências Humanas; Linguística, Letras e Artes; Outra. Nesta base a museologia está enquadrada dentro das Ciências Sociais Aplicadas. A museologia está classificada como uma ciência social aplicada.

dessa purificação constitui-se a primeira forma de história, a história da natureza. Os documentos desta nova história, ainda de acordo com Foucault, são os espaços onde as coisas e os seres, nesse momento, colocavam-se objetivamente umas ao lado das outras, agrupadas de acordo com seus traços comuns, uma vez já analisadas e catalogadas com seus nomes próprios. O resultado desta nova ordem são os herbários, as coleções, os jardins e os museus.

Dentro desse universo, os gabinetes de curiosidades são considerados os marcos fundamentais do que podemos denominar processo de consolidação deste novo modelo, que, ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, apresentaram alguns dos aspectos básicos do perfil dos museus, que se mantiveram até os nossos dias (LOPES, 1997, p. 12). Esses protomuseus possuíam artefatos que eram escolhidos pela sua qualidade artística, antiguidade e preciosidade, e organizados sob as categorias de *artificialia* (artefatos produzidos pelo homem), *naturalia* (manifestações de fauna, flora e minerais), *scientifica* (instrumentos para o estudo do mundo e do universo), *memorabilia* (coisas dignas de serem lembradas), *mirabilia* (coisas admiráveis, maravilhas que devem ser olhadas) e *exotica* (objectos vindos ou produzidos em terras e civilizações longínquas).

Antes mesmo da criação dos primeiros Museus de História Natural, no século XVIII, as coleções de história natural, reunidas em gabinetes de curiosidades particulares, já eram estudadas, desenhadas, catalogadas e arranjadas sistematicamente. Foi através do estudo de uma dessas coleções, a da rainha da Dinamarca, que o médico e botânico sueco Carolus Linnaeus, concidentemente um dos primeiros a usar o termo museografia, como veremos adiante, criou o sistema de nomenclatura zoológica, adotado, na 10ª edição do *Systema Naturae*<sup>2</sup>, por diversos pesquisadores. Sabe-se da importância metodológica que

assumiram esses gabinetes e essas distribuições naturais para a classificação, nos fins do século XVIII. Os gabinetes e jardins de História Natural dessa época passaram a substituir seus antigos mostruários por exposições catalogadas, que se tornaram um modo de introduzir, na linguagem sobre o mundo, uma nova maneira de ordenação (Foucault, 2000, p. 148).

De acordo com Kury e Camenietzki (1997, p. 63),

o debate acerca da ordem da natureza, da classificação e do estatuto das coleções de História Natural marcou o panorama intelectual europeu das últimas décadas do século XVIII e do início do século XIX. Neste período, a curiosidade tradicional é substituída pela ciência, que emerge como um conhecimento pragmático, utilitário e especializado, onde a Natureza se torna modelo e fonte de riquezas.

Foi entre o século XVIII e o século XIX que os principais museus europeus passaram a reunir importantes coleções de história natural de várias partes do mundo. No Brasil, pesquisadores de diferentes nacionalidades vieram ao país em busca de espécimes para as coleções de seus museus, recolhendo, além de material botânico e zoológico, objetos etnográficos, arqueológicos e paleontológicos<sup>2</sup>. De acordo com Schwartz (1993, p. 69), a palavra de ordem era salvar o que se pudesse, uma vez que imperava a ideia de que as culturas recém-descobertas se extinguiriam, estando os “vestígios” mais bem preservados nos museus metropolitanos.

Disseminados por diversos países e adequadamente organizados, os museus de história natural, quase sempre, apresentavam características monumentais.

---

poucas espécies, sendo as brasileiras principalmente extraídas da *Historia naturalis Brasiliae* de Marcgrave e Piso. A falta de informações sobre a fauna e a flora brasileiras se devia principalmente à política de segredo mantida por Portugal, que impedia a disseminação de qualquer notícia sobre suas colônias (PAPAVERO; OVERAL, 2003). A *Historia Natural no Tempo* de Landi. Disponível em: <<http://www.landi.inf.br/anais/A%20Historia%20Natural%20no%20tempo%20de%20Landi.doc>>. Acesso em: 16 out. 2006.

<sup>3</sup> Sobre naturalistas viajantes no Brasil, ver o número especial da revista *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, volume VIII, suplemento 2001.

---

<sup>2</sup> Nessa edição, descrevia 4.236 espécies de animais, distribuídos em seis classes (Mammalia, Aves, Amphibia, Pisces, Insecta e Vermes), 34 ordens e 312 gêneros. Da Região Neotropical, incluiu apenas umas

Os museus serão os Templos da Ciência, como Pyenson e Sheets-Pyenson (1999, p. 131) denominam o Museu Britânico, um dos principais modelos museológicos de história natural do século XIX. Da mesma forma, a sistemática, dedicada a inventariar e descrever a biodiversidade e compreender as relações filogenéticas entre os organismos que estão depositados nas coleções científicas, passou a representar a espinha dorsal do conhecimento em biodiversidade.

Segundo Gilles-Gaston Granger (1994, p. 85), alguns autores consideram um “abuso de linguagem” aplicar o qualitativo de “ciências” ao conhecimento dos fatos humanos. Entre as ciências humanas, Granger (1994, p. 86) afirma que a história possui métodos de conhecimento que se referem ao estabelecimento, ao controle, à interpretação dos vestígios e dos testemunhos dos fatos humanos. O homem como objeto científico, ou seja, como uma coisa natural matematizável e experimentável, é uma concepção surgida no século XIX, pois até então tudo o que se referia ao homem pertencia ao campo da filosofia. Apesar desta “juventude” das ciências humanas, a percepção de que os seres humanos são diferentes das coisas naturais é mais antiga. No século XV, período do humanismo e do renascimento, o homem é colocado como centro do universo, um ser dotado de razão e que com sua capacidade intelectual é capaz de progredir e controlar a natureza. O humanismo não coloca o homem separado da natureza, mas sim como um ser diferente dos demais, um ser racional, agente ético, político, técnico e artístico.

Com Auguste Comte<sup>4</sup>, inicia-se o positivismo. Ao considerar o homem um ser social propõe o estudo científico da sociedade que deve ser estudado em seu habitat natural, da mesma maneira que havia

uma física da natureza, deveria haver uma física do social, a sociologia. Esta concepção defende a ideia de que as ciências humanas deveriam se utilizar dos métodos, dos conceitos e das técnicas das ciências naturais. Esse movimento foi iniciado por Comte, mas foi Émile Durkheim<sup>5</sup> quem o desenvolveu como ciência. O positivismo entra no século XX e se torna uma das correntes mais poderosas e influentes em diferentes campos do conhecimento.

Para Chauí (1995, p. 348), a consolidação das ciências humanas só foi possível através de três correntes de pensamento: a fenomenologia, o estruturalismo e o marxismo. A primeira introduz a noção de essência ou significação como um conceito que permite diferenciar internamente uma realidade da outra, encontrando seu sentido, sua forma, suas propriedades e sua origem. Chauí (1995, p. 349-350) estrutura da seguinte forma a contribuição destas três correntes nas ciências humanas:

A fenomenologia permitiu que fosse realizada uma rigorosa diferença entre a esfera da natureza e a esfera do homem. A seguir viabilizou que a esfera do homem fosse internamente diferenciada em essências diversas: o psíquico, o social, o histórico, o cultural. Com essa diferenciação, a fenomenologia garante às ciências humanas a validade de seus projetos e campos científicos de investigação: filosofia, sociologia, arqueologia, psicologia, história, antropologia, geografia, ciência política e teologia.

O estruturalismo que se inicia na primeira metade do século 20 e tem seu período de domínio metodológico até os anos 60, aponta que os fatos humanos assumem a forma de estruturas, isto é, de sistemas que criam seus próprios elementos, dando a estes sentido pela posição e pela função que ocupam no todo. As estruturas são totalidades organizadas segundo princípios internos que lhes são próprios e que comandam seus elementos ou partes, seu modo de funcionamento e suas possibilidades de transformação temporal ou histórica. Nelas, o todo

---

<sup>4</sup> Filósofo francês (1798-1857), considerado o fundador do positivismo. Em 1848, criou a sociedade Positivista, visando à promulgação do “culto à humanidade”. O positivismo, designação oficial que deu à sua filosofia, começou como uma doutrina metodológica e epistemológica. Estava convencido de que o conhecimento só era inteligível avaliando-se sua evolução em perspectiva histórica (GILLISPIE, 2007, p. 517).

---

<sup>5</sup> Sociólogo francês (1858-1917), considerado o fundador da sociologia moderna e chefe da chamada Escola Sociológica Francesa. É o criador da teoria da coesão social. Junto com Karl Marx e Max Weber, formam um dos pilares dos estudos sociológicos. Estudou as teorias de Auguste Comte e Herbert Spencer, o que fez com que conferisse uma matriz científica às suas teorias. Disponível em: <[http://www.e-biografias.net/emile\\_durkheim/](http://www.e-biografias.net/emile_durkheim/)>. Acesso em: 2 set. 2014.

não é soma das partes, nem um conjunto de relações causais entre elementos isoláveis, mas é o princípio ordenador, diferenciador e transformador. Uma estrutura é uma totalidade dotada de sentido.

O marxismo facilitou compreender que os fatos humanos são instituições sociais e históricas produzidas não pelo espírito e pela vontade livre dos indivíduos, mas pelas condições objetivas nas quais a ação e o pensamento humanos devem realizar-se. Levou a compreender que os fatos humanos mais originários ou primários são as relações dos homens com a natureza na luta pela sobrevivência e que tais relações são as de trabalho, dando origem às primeiras instituições sociais: família; pastoreio e a agricultura; troca e comércio. Graças ao marxismo, as ciências humanas puderam compreender que as mudanças históricas não resultam de ações súbitas e espetaculares de alguns indivíduos ou grupos de indivíduos, mas de lentos processos sociais, econômicos e políticos, baseados na forma assumida pela propriedade dos meios de produção e pelas relações de trabalho. A materialidade da existência econômica comanda as outras esferas da vida social e da espiritualidade e os processos históricos abrangem todas elas.

Após a análise das três correntes e de seus impactos no desenvolvimento das ciências humanas, Chauí (1995, p. 351) afirma que a fenomenologia permitiu a definição e a delimitação dos objetos das ciências humanas; o estruturalismo permitiu uma metodologia que chega às leis dos fatos humanos, sem que seja necessário imitar ou copiar os procedimentos das ciências naturais, e o marxismo permitiu compreender que os fatos humanos são historicamente determinados e que a historicidade, longe de impedir que sejam conhecidos, garante a interpretação racional deles e conhecimento de suas leis.

Nesta breve discussão do desenvolvimento das ciências matemáticas, naturais e humanas procuramos compreender a influência destas três áreas na construção do conhecimento científico. Nesta análise tenho interesse específico nas ciências naturais e humanas por tangenciarem a estruturação museologia. Como veremos a seguir, enquanto prática e conhecimento a museologia esteve relacionada às ciências naturais na constituição de coleções e suas respectivas ações: coleta, pesquisa, comunicação e conservação.

## MUSEOLOGIA

Em seu artigo *The Babelian Tale of Museology and Museography: a history in words* (Um Conto Babeliano de Museologia e Museografia: uma história em palavras), Janick Daniel Aquilina (2011, p. 4), cita Samuel Quiccheberg<sup>6</sup> e sua obra *Inscriptiones Vel Tituli Theatri Amplissimi...* (Inscrições ou Títulos de um Imenso Teatro...), de 1565, publicada em Munique, como sendo a obra mais antiga sobre museologia no mundo ocidental. A originalidade da obra de Quiccheberg reside na definição de regras para a organização de uma coleção que forme a estrutura de um teatro. Em 1727, foi publicada a obra de Caspar Neickel, *Museographia oder Anleitung zum rechten Begriff und nützlicher Anlegung der Museorum oder Raritäten Kammern* (Museografia ou Instruções para melhor Compreender e Organizar utilmente os Museus ou Gabinetes de Raridades. De acordo com Aquilina (2011, p. 7), em 1736, Carolus Linnaeus, já citado anteriormente, escreve sua obra *Bibliotheca Botânica*, publicada em Amsterdam. Esse livro, destinado a estudantes, organiza as obras literárias que considera importante, utilizando a mesma metodologia aplicada à organização dos animais e plantas, ou seja, classe, ordem, gênero e espécie. Ao mencionar os coletores, criou a classe *curiosi*, que inclui a ordem *Museographi* ou *Musaeographi* que são aqueles que coletam, conservam e descrevem o que pertencem ao reino natural. Em 1742 o naturalista francês Antoine-Joseph Dézallier d'Argenville<sup>7</sup> utiliza a palavra *Museographie* (AQUILINA, 2011, p. 8) para descrever um espaço dividido em três salas que representassem sucessivamente os reinos mineral, vegetal e animal. No final da última sala sugere a instalação de um pequeno estúdio equipado com “os melhores títulos em física e história natural” que poderiam ser utilizados como um laboratório de experimentos em física e química. Para d'Argenville, o termo *Museographie* significava descrever museus.

De acordo com Aquilina (2011, p. 8), Emanuel Mendes da Costa, filósofo e naturalista britânico, foi o primeiro a utilizar o termo museografia em inglês<sup>7</sup>. Para Costa:

<sup>6</sup>Também Quiccheberg ou Quicquelberg

<sup>7</sup>Mendes da Costa é mencionado por Peter Van Mensch no capítulo 2 de sua tese: *Towards a Methodology of Museology* (1992).

a maioria dos naturalistas e museógrafos incluíram conchas em suas obras, como Aristóteles, Plínio, Bellonius, Rondeletius, Gesner, Aldrovand, Imperatus, Wormius, Calceolarius, Moscardo, Grew, Vincent, Sloane, Petiver, e uma série de outros (MENDES DA COSTA, 1776, p. 57, apud AQUILINA, 2009, p.58, tradução do autor)<sup>8</sup>.

Embora Mendes da Costa cite uma série de autores também listados por Linnaeus, ele não se refere ao museógrafo como aquele que recolhe e conserva, mas simplesmente como alguém que descreve museus, ou seja, o mesmo sentido de d'Argenville.

Diferentemente do século XVIII, no século XIX encontramos uso da palavra museologia: Georg Rathgeber (Structure of Dutch History and Museology 1839) e Philip Leopold Martin (Dermoplastik und Museologie 1870). Segundo Devallées e Mairesse (2005, p. 10) Rathgeber tem como referência o uso da museologia na descrição analítica de esculturas e obras arquitetônicas. Além disto, foi o primeiro a utilizar e definir a museologia como ciência (AQUILINA, 2009, p. 52). Neste período a museologia também aparece relacionada à história natural. De acordo com Mensch e Meijer-van Mensch (2010, p. 10), Martin usa a palavra museologia em um sentido muito próximo da palavra museografia em francês, compreendendo-a como uma prática de montar os animais para exibição (taxidermia), em poses e cenários realistas.

Ao estabelecer esse olhar retrospectivo sobre a museologia, procurei encontrar as bases que fundamentaram as discussões do século XX. No título de seu artigo, Aquilina (2011) aponta, de forma bem humorada, a torre de babel que se desenvolve nos estudos da museologia, ou seja, cada um fala uma língua inviabilizando a possibilidade de compreensão, contudo, diversos autores irão buscar uma definição para este campo, tentarão construir os alicerces da museologia com o intuito de permitir o seu desenvolvimento e sua consolidação.

O Icofom, Comitê Internacional para Museologia, é um dos 31 comitês<sup>9</sup> que compõem o Icom, Conselho Internacional de Museus. Criado em 1977 na décima segunda assembleia geral do Icom em Moscou, como o objetivo de discutir teoricamente o campo dos museus, teve grande importância no desenvolvimento e concepção de uma visão da museologia em âmbito internacional<sup>10</sup>. Redefiniu conceitos de museu e museologia que constantemente são contestados por alguns teóricos do próprio comitê, mas mesmo sem consenso, estabeleceu um modelo aceito por grande número de profissionais.

Nas obras **Museological Working Papers** nº 1 (1980) e nº 2 (1981), um conjunto de teóricos vinculados ao Icofom produziu artigos que apresentam como questão central a definição de museologia. Para Soichiro Tsuruta<sup>11</sup> (1980, p. 48), a Museologia é um tipo de ciência aplicada, altamente desenvolvida que tem como objetivo o estudo dos museus e os métodos para realizar tais propostas. Os resultados devem apontar para o desenvolvimento dos museus, e “contribuir para a felicidade da humanidade e paz mundial”. Já Louis Lemieux<sup>12</sup> (1980, p. 14) afirma que “a museologia não é uma ciência. Ela é uma combinação de conhecimentos,

<sup>8</sup> Besides which, most of the naturalists and museographers have included Shells in their works, as Aristotle, Pliny, Bellonius, Rondeletius, Gesner, Aldrovand, Imperatus, Wormius, Calceolarius, Moscardo, Grew, Vincent, Sloane, Petiver, and a number of others. (MENDES DA COSTA, 1776, p. 57 apud AQUILINA, 2005, p. 8)

<sup>9</sup> Para ver a relação completa dos Comitês Internacionais do Icom, acessar <<http://icom.museum/the-committees/international-committees/>>.

<sup>10</sup> Ainda não existe no Brasil um estudo que analise a influência do Icom no pensamento museológico brasileiro. Encontramos informações esparsas que nos permitem estabelecer algumas hipóteses sobre esta relação. No momento, junto com Cláudia Penha dos Santos, museóloga do Museu de Astronomia e Ciências afins, desenvolvo uma pesquisa que tem por objetivo o mapeamento e análise destas relações, com o intuito de compreender seus desdobramentos na museologia brasileira contemporânea.

<sup>11</sup> Soichiro Tsuruta nasceu em 1917 no Japão, graduou-se pela Universidade de Tóquio em 1941. Foi Assistente Científico do Ministério da Educação do Japão, 1945-1950. Vice-Diretor do National Park for Nature Study, 1951-68. Diretor do Department of Programmes, National Science Museum, 1968-78. Professor de Museologia da Hosei University. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1468-0033.1981.tb01960.x/abstract>>. Acesso em: 01 set. 2014.

<sup>12</sup> Canadense, doutorado em ecologia animal, foi o diretor National Museum of Natural Sciences, Ottawa, Canadá; diretor de pesquisa do Canadian Wildlife Service e presidente da Canadian Wildlife Federation. Disponível em: <<http://www.zoominfo.com/p/Louis-Lemieux/238437708>>. Acesso em: 02 set. 2014.

habilidade e astúcia, em que se deve adicionar uma boa dose de visão, dedicação, inspiração e paciência... Se eu tivesse que classificar a museologia, eu a chamaria de arte”. Ana Gregorová<sup>13</sup> (1980, p. 14) “considera a museologia uma disciplina científica em via de formação, na qual o objeto de estudo é a relação específica homem-realidade, e isso em todos os contextos nos quais ela é manifestada e se manifesta concretamente”. De acordo com Klaus Schreiner<sup>14</sup> (1981, p. 15), “Museologia é uma disciplina sociocientífica historicamente desenvolvida, lidando com leis, princípios, estruturas e métodos complexos, processos de aquisição, preservando, decodificando, pesquisando e exibindo objetos originais móveis selecionados da natureza e da sociedade como fontes primárias de conhecimento, que criam as bases teóricas para o trabalho museológico com a ajuda de uma experiência generalizada e sistematizada”. Bachir Zouhdi<sup>15</sup> (1980, p. 51) afirma que a

Museologia é a ciência dos museus. Ela tem sua história, seus métodos, suas atividades, suas ideias, suas pesquisas, seus workshops, seus laboratórios, suas descobertas, seus experimentos, seus pioneiros, seus especialistas, seus censos em universidades, suas preocupações, seus problemas, suas publicações, suas organizações nacionais e internacionais, seus congressos (tradução do autor).

Judith K. Spielbauer<sup>16</sup> (1981, p. 9) define a museologia “como teoria organizacional e relacional, o saber, os métodos e quadro metodológico indispensável, se que fazer do ato de preservação uma experiência integrante”. Segundo Spielbauer, embora pareça muito vaga,

esta definição inclui todas as funções e atividades da instituição museu. Para a brasileira Waldisa Rússio (1981, p. 56), “a museologia é a ciência do fato museal ou museológico. O fato museológico é a relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, parte de uma realidade da qual o homem também participa, e sobre a qual tem poder de agir”. De acordo com Stránský (1980, p. 15), o termo museologia ou teoria dos museus cobre a área de um campo específico de estudo que tem como objeto o fenômeno do museu.

Tendo a filosofia com referência, Scheiner (1999, p. 163) afirma que “a museologia poderá encontrar base para o estudo e a análise da essência do museu, assumindo definitivamente a perspectiva da contemporaneidade: perceber-se a si mesmo em completo e contínuo devir”. Para a autora, o museu é um fenômeno e para cada modelo de real corresponderá um diferente modelo de museu.

O que fica claro, ao observarmos todos essas definições, é que a museologia não possui uma concepção que seja comum a todos que se debruçam sobre a discussão da área. Prática de museus, ciência de museus, ciência aplicada, ciência independente, arte, disciplina sociocientífica, entre outras compreensões, tudo isto caracteriza a dificuldade epistemológica existente no campo. Todas essas variantes também refletem as diferentes formações e experiências dos profissionais que discutem este tema.

Em 1982, o Icofom definiu “que a museologia abrange todo um complexo de teoria e práxis que envolve a conservação e o uso da herança cultural e natural”. A palavra herança é usada aqui em um sentido mais amplo do que o normalmente mencionado:

Obras de arte, monumentos e sítios considerados de relevante valor universal, do ponto de vista da história, da arte ou da ciência, assim como as tradições orais, as heranças musicais e etnográficas e até mesmo as leis, costumes e modos de vida que expressam a essência do sentimento étnico ou nacional (INTERNATIONAL THESAURUS OF CULTURAL DEVELOPMENT, 1980, p. ).

<sup>13</sup> Filósofa eslovaca, da antiga Tchecoslováquia, foi pesquisadora do Central Office of Museums and Picture Galleries em Bratislava, antiga Tchecoslováquia.

<sup>14</sup> Historiador e museólogo alemão, formado na antiga República Democrática Alemã. Dirigiu o Agra-historisches Museum (Museu de História Agrária).

<sup>15</sup> Curador do Museum of Greco - Romam Antiquities and Byzantine Art at Al Mathaf al-Watani (National Museum); Professor de estudos estéticos na University of Damascus. Publicou diversos livros relacionadas as artes menores.

<sup>16</sup> Americana, professora de museologia e de antropologia do Departamento de Sociologia e Antropologia, Universidade de Miami, Oxford, Ohio, EUA.

Segundo Peter Van Mensch (1994, p. 7), a museologia interpretaria a relação entre o homem e seu meio ambiente, a posição do homem no espaço e no tempo, especificamente a influência da herança cultural e natural na identidade de pessoas e grupos. Klaus Schreiner (1980, p. 39), em seu texto “Discussão sobre o lugar da museologia no sistema das ciências”, analisa o objeto de estudo da museologia:

Pelo objeto de uma disciplina científica pode-se entender o complexo de atributos, estruturas e leis de desenvolvimento de certos campos (partes, aspectos, aparências, processos) da realidade (realidade objetiva ou sua reflexão na nossa consciência), que são exploradas pela disciplina em questão.

Mario Chagas (1990, p. 42) observa que a partir das noções de sujeito e objeto procura-se discutir o processo de delimitação e construção do objeto de pesquisa nos museus. Nesta ordem de ideias se procura também delimitar o objeto de estudo da museologia a partir da identificação do que se convencionou chamar de ternário matricial, composto da inter-relação entre o homem/sujeito, o objeto/bem cultural e o espaço/cenário. Nesta estrutura identificamos a influência do fato museológico de Waldisa Rússio.

Em seu artigo “Novas Perspectivas para a Comunicação Museológica e os Desafios da Pesquisa de Recepção em Museus”, Marília Xavier Cury (2009) afirma que a museologia deslocou o seu objeto de estudo dos museus e das coleções para o universo das relações:

a relação do homem e a realidade; do homem e o objeto no museu; do homem e o patrimônio musealizado; do homem com o homem, relação mediada pelo objeto. Esse universo de relações deve ser enfrentado na perspectiva transdisciplinar dada a sua complexidade. Se a museologia é disciplina com objeto de estudo, o enfrentamento desse objeto deve ocorrer com clareza e com bases teóricas fundamentadas nas ciências humanas e sociais (CURY, 2009, p. 273).

Sobre o deslocamento do objeto de estudo dos museus e das coleções para o universo das relações, considero fundamental apontar que o abandono

do museu como objeto de estudo da museologia desestruturou as fronteiras que nos permitiam atuar dentro de um universo previamente delimitado, ou seja, os museus e suas coleções. Ao refletir sobre os desdobramentos destas questões em nossa área de atuação, fico inclinado a retomar alguns postulados que foram abandonados entre as décadas de 1970 e 1980, entre eles o de reconhecer o museu como o objeto de estudo da museologia<sup>17</sup>. Com esta compreensão, procuro ressaltar a importância de identificar os contornos da ação museológica e deslocar a discussão para o universo dos museus no mundo contemporâneo. Neste sentido, o desafio é discutir e problematizar os múltiplos aspectos dessa instituição que cada vez mais se constitui e se apresenta das mais diferentes formas, analisar seu impacto na sociedade e verificar como ela se apropria e se relaciona com esse espaço.

Os museus são instituições altamente complexas que, para serem compreendidas em todas as suas nuances, demandam uma pesquisa profunda e demorada. Apontar o museu como o centro de nossas ações não é minimizar ou restringir a museologia, pelo contrário, é uma forma de recolocar epistemologicamente os princípios e procedimentos derivados desta percepção na interface com outras áreas do conhecimento. Ao analisarmos as definições de museologia da década de 1970, 1980 e ainda 1990, verificamos o esforço empregado na construção de um arcabouço teórico que estabeleça um objeto de pesquisa para o campo que não seja o museu. A partir de minha análise verifico um verdadeiro malabarismo conceitual que causou mais transtornos do que benefícios. Podemos tentar compreender esse movimento como uma reação ao modelo clássico de museu até aquele momento existente. Em seu livro *Memórias do Modernismo*, Andreas Huyssen (1997, p. 222) afirma que a batalha contra os museus foi um fato persistente da cultura modernista e destaca que a partir dos arquivos destas instituições, divididos por disciplinas e de suas coleções, o museu definiu a identidade da cultura ocidental.

---

<sup>17</sup> Sobre as mudanças ocorridas no campo da disciplina museológica, ver: Cerávolo (2004); Scheiner (2005).

A discussão apresentada por Huyssen interessa diretamente aos meus argumentos, pois fornece dados que me permitem compreender o distanciamento que a museologia inicia em relação ao museu em um cenário histórico mais abrangente. Ao analisar a relação da vanguarda com o museu, assegura que

Foi após todo o movimento das vanguardas históricas – futurismo, dada, surrealismo, construtivismo e os grupos de vanguarda da recém instalada União Soviética – que se começou uma luta radical e implacável contra os museus. Essa luta começa na exigência do fim do passado através da destruição semiológica de todas as formas tradicionais de representação e ao se defender a ditadura do futuro. Para a cultura de manifesto, cuja retórica baseava-se na total rejeição à tradição e à euforia e cultivava a celebração apocalíptica de um futuro totalmente diferente, o museu realmente era um bode expiatório plausível. Ele incorporava toda a monumentalização, hegemonia e aspirações pomposas da era burguesa, que viu seu fim na falência da Grande Guerra. (HUYSSSEN, 1997, p, 228).

Nessa conjuntura talvez seja possível compreender os argumentos que justifiquem a busca por um novo objeto de estudo que não seja o museu, colocando em segundo plano todos aqueles que reconheciam nesta instituição o local específico de sua ação. Esta ainda é uma hipótese inicial que carece de aprofundamento. De acordo com Huyssen (1997, p. 227), a morte do museu, tão valentemente anunciada nos anos 1960, não foi evidentemente, a palavra final. A rejeição do museu como objeto de pesquisa foi o sintoma de determinada conjuntura sociocultural que não cabe nos dias atuais. Cada vez mais o museu se apresenta como um objeto múltiplo e complexo e exige nossa análise.

## CONSIDERAÇÕES

Ao mencionar o uso dos termos museografia e museologia em séculos anteriores, procurei ressaltar a importância de aprofundarmos o nosso conhecimento sobre este campo. Parte considerável desta bibliografia permanece desconhecida. Considero ainda relevante destacar a relevância da matriz alemã no desenvolvimento da museologia contemporânea, língua utilizada

por parte dos autores citados neste breve artigo. Creio que um dos principais entraves para o acesso a esta produção esteja relacionado ao idioma. Parte substancial do que conhecemos acessamos pelo inglês e/ou francês, estabelecendo uma mediação que compromete nossa análise.

Procurei neste artigo retomar questões que marcaram minha formação na década de 1990. Como neste momento vivemos um cenário completamente diferente no Brasil, com a existência de várias graduações de museologia e três pós-graduações, achei oportuno apresentar estas questões e problematizar conceitos estabelecidos na museologia. Considero relevante reforçar que reconheço no museu uma estrutura altamente complexa, diretamente relacionada ao homem e ao seu processo de desenvolvimento social, político, científico e cultural. Esta instituição secular ainda é um dos principais mecanismos utilizados pelo ocidente na preservação e comunicação de nossa cultura. Ainda não encontramos um modelo que o substituísse e atendesse adequadamente nossas necessidades.

Ao nos reaproximarmos do museu e passarmos a compreendê-lo como matéria-prima, buscamos restabelecer uma base comum mínima para todos que trabalham com a museologia. Torna-se necessário contudo aprofundar a discussão das ferramentas metodológicas que podemos aplicar em um objeto de pesquisa determinado e, quem sabe, em futuro próximo, alcançarmos a elaboração de um modelo conceitual que possa atender ao campo.

## REFERÊNCIAS

- AQUILINA, J.D. *Muséologie et muséographie: la tour de Babel ou les origines de la confusion. Muséologies - les cahiers d'études supérieures*, v. 4. n. 1, p. 43-59, 2009.
- \_\_\_\_\_. The Babelian Tale of museology and museography: a history in words. *International Scientific Electronic Journal*, n. 6, 2011.
- CERÁVOLO, S.M. Delineamentos para uma teoria da museologia. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 12, n. 1, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v12n1/19.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2014.
- CHAGAS, M. O objeto de pesquisa no caso dos museus. *Ciência em Museus*, Belém, v. 2, p. 41-45, 1990.
- CHAUÍ, M. *Convite a filosofia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- CURY, M.X. Novas perspectivas para a comunicação museológica e os desafios da pesquisa de recepção em museus. In: SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO EM MUSEOLOGIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESPANHOLA, 1., 2009, Porto. *Actas...* Porto: Universidade do Porto, 2009.
- DEVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. Brève histoire de la muséologie, des inscriptions au musée virtuel. In: MARIAUX, P.A. (Ed.). *L'objet de la muséologie*. Neuchâtel: IHAM, 2005. p. 1- 53.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GILLISPIE, C. C. Essays and Reviews in History and History of Science, v.96, Parte 5, American Philosophical Society, 2007.
- GRANGER, G-G. *A ciência e as ciências*. São Paulo: Editora UNESP, 1994.
- GREGOROVÁ, A. [Sem título]. *MUWOP: Museological Working Papers*, Stockholm, Sweden, n.1, p. 19-21, 1980. Disponível em: <[http://network.icom.museum/fileadmin/user\\_upload/minisites/icofof/pdf/MuWoP%201%20\(1980\)%20Eng.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofof/pdf/MuWoP%201%20(1980)%20Eng.pdf)>. Acesso em: 19 nov. 2014.
- GREENE, B. *O universo elegante: supercordas, dimensões ocultas e a busca da teoria definitiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HUYSSSEN, A. *Memórias do modernismo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- KURY, L.; CAMENIETZKI, C.Z. Ordem e natureza: coleções e cultura científica na Europa moderna. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 29, 1997.
- LEMIEUX, L. [Sem título]. *MuWoP: Museological Working Papers*, Stockholm, Suécia, n.1, p. 24-25, 1980. Disponível em: <[http://network.icom.museum/fileadmin/user\\_upload/minisites/icofof/pdf/MuWoP%201%20\(1980\)%20Eng.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofof/pdf/MuWoP%201%20(1980)%20Eng.pdf)>. Acesso em: 19 nov. 2014.
- LOPES, M.M. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- MENSCH, P. van; MEIJER-VAN MENSCH, L. From disciplinary control to co-creation – collecting and the development of museums as praxis in the nineteenth and twentieth century. In: PETERSON, S. et al. (Ed.). *Encouraging collections mobility: a way forward for museums in Europe*. [S.l.]: Finnish National Gallery, 2010. p. 33-53.
- \_\_\_\_\_. *O objeto de estudo da museologia*. Tradução de Débora Bolsanello; Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNIRIO; Universidade Gama Filho, 1994.
- \_\_\_\_\_. Towards a methodology of museology. Thesis (Ph.D.) - University of Zagreb, 1992. Disponível em: <[http://www.museum.ee/en/erialane\\_areng/museoloogiaalane\\_ki/p\\_van\\_mensch\\_towar/mensch02#As](http://www.museum.ee/en/erialane_areng/museoloogiaalane_ki/p_van_mensch_towar/mensch02#As)> Acesso em: 02 set. 2014.
- PYENSON, L.; SHEETS-PYENSON, S. *Servants of nature: a history of scientific institutions, enterprises and sensibilities*. New York: W.W. Norton, 1999.
- RÚSSIO, W. [Sem título]. *MuWoP: museological working papers*, Stockholm, Suécia, n.1, p.56-57, 1981. Disponível em: <[http://network.icom.museum/fileadmin/user\\_upload/minisites/icofof/pdf/MuWoP%202%20\(1981\)%20Eng.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofof/pdf/MuWoP%202%20(1981)%20Eng.pdf)>. Acesso em: 19 nov. 2014.
- SCHNEIDER, T. As bases ontológicas do museu e da museologia. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE, 1999, Venezuela. *Anais...* Venezuela: ICOFOM LAM, 1999. p. 133-164.
- \_\_\_\_\_. Museologia e pesquisa: perspectivas na atualidade. In: GRANATO, M.; SANTOS, C.P. dos. (Org). *Museu instituição de pesquisa*. Rio de Janeiro, v. 7, p. 85-100, 2005. (*MAST Colloquia*). Disponível em: <[http://www.mast.br/livros/mast\\_colloquia\\_7.pdf](http://www.mast.br/livros/mast_colloquia_7.pdf)>. Acesso em: 02 set. 2014.
- SCHREINER, K. [Sem título]. *MuWoP: museological working papers*, Stockholm, Suécia, n.1, p.58-59, 1981. Disponível em: <[http://network.icom.museum/fileadmin/user\\_upload/minisites/icofof/pdf/MuWoP%202%20\(1981\)%20Eng.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofof/pdf/MuWoP%202%20(1981)%20Eng.pdf)>. Acesso em: 19 nov. 2014.
- SCHWARTZ, L.M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil: 1870 - 1930*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- SPIELBAUER, J.K. [Sem título]. *MuWoP: museological working papers*, Stockholm, Suécia, n.1, p.79, 1981. Disponível em: <[http://network.icom.museum/fileadmin/user\\_upload/minisites/icofof/pdf/MuWoP%202%20\(1981\)%20Eng.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofof/pdf/MuWoP%202%20(1981)%20Eng.pdf)>. Acesso em: 19 nov. 2014.
- TSURUTA, S. [Sem título]. *MuWoP: Museological Working Papers*, Stockholm, Sweden, n.1, p.47-49, 1980. Disponível em: <[http://network.icom.museum/fileadmin/user\\_upload/minisites/icofof/pdf/MuWoP%201%20\(1980\)%20Eng.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofof/pdf/MuWoP%201%20(1980)%20Eng.pdf)>. Acesso em: 19 nov. 2014.
- ZOUHDI, B. [Sem título]. *MuWoP: Museological Working Papers*, Stockholm, Sweden, n.1, p.50-51, 1980. Disponível em: <[http://network.icom.museum/fileadmin/user\\_upload/minisites/icofof/pdf/MuWoP%201%20\(1980\)%20Eng.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofof/pdf/MuWoP%201%20(1980)%20Eng.pdf)>. Acesso em: 19 nov. 2014.